

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
HOMENAGEM A MANUEL FARIA DE ALMEIDA
12 de Maio de 2026

MOMENTO NOTURNO / 1963

um filme de M. G. Faria de Almeida

Realização e Argumento: Faria de Almeida / Montagem: Faria de Almeida / Música: Nelson (*Quite a Beat*), Mashiyane (*Monate*) / Fotografias: *Drum Magazine* (Peter Magabane, Walter Pitso, A. Kumalo).

Produção: London School of Film Technique, Faria de Almeida (Portugal/Reino Unido) / Cópia: da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, digital (suporte original em 16 mm), sem diálogos, preto e branco e cor / Duração: 3 minutos / Estreia mundial: data não identificada / Primeira exibição na Cinemateca.

VIVIANA / 1963

um filme de M. G. Faria de Almeida

Realização: Faria de Almeida / Argumento: Faria de Almeida, inspirado no livro de Manuela G. Antunes / Director de Fotografia: Manuel Orvalho Teixeira / Montagem: Faria de Almeida / Intérpretes: Maria Odette Araújo, E. Ferrão Katzenstein / Voz: Maria José Esteves.

Produção: London School of Film Technique, Faria de Almeida (Portugal/Reino Unido) / Cópia: da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, em 35mm, preto e branco / Duração: 8 minutos / Estreia mundial: data não identificada / Primeira exibição na Cinemateca.

STREETS OF EARLY SORROW / 1963

Caminhos Para a Angústia

um filme de Faria de Almeida, Graham Parker

Realização: Faria de Almeida, Graham Parker / Argumento: Graham Parker, Faria de Almeida / Montagem: Faria de Almeida / Intérpretes: Lionel Ngokani, Olívia Farjeo / Fotografias: *Drum Magazine* (Peter Magabane, Walter Pitso, A. Kumalo).

Produção: London School of Film Technique, Faria de Almeida (Reino Unido) / Cópia: da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, em 16mm, sem diálogos, preto e branco / Duração: 10 minutos / Primeira apresentação pública/Estreia mundial: 1963 / 1º Prémio Cinestud, em Amesterdão 1963 / Primeira exibição na Cinemateca: 21 de Janeiro de 2015, “Colecção Colonial da Cinemateca, Campo, Contracampo, Fora De Campo”

Filmes de Faria de Almeida

Sessão com apresentação

O programa é introduzido por MOMENTO NOTURNO, filme inédito de Faria de Almeida, não anunciado inicialmente no programa, em cópia agora digitalizada.

*

A sessão é complementada pelo filme CATEMBE e pelos respectivos cortes de censura e trailer. “Folha” distribuída em separado.

Esta sessão de Homenagem a Manuel Faria de Almeida é introduzida por **Momento Noturno**, curta-metragem com apenas três minutos, cuja cópia em 16mm foi muito recentemente depositada pela família do realizador na Cinemateca, que embora possuísse outros materiais do filme, não tinha ainda uma cópia síncrona. O facto de a película se encontrar um pouco deteriorada e encolhida ditou que para a podermos mostrar agora procedêssemos à sua digitalização, e os bons resultados de tal esforço estão à vista.

Momento Noturno é um excelente filme para introduzirmos a obra de Faria de Almeida (1934-2025), realizador que nos últimos anos ficou conhecido como o autor de **Catembe**, descrito como o filme mais censurado da História do Cinema Português, face aos mais de cem cortes, que o reduziram a uma pálida imagem do filme original, que tinha o título **Catembe – Sete Dias em Lourenço**. Poderemos ver hoje a versão subsistente remontada pelo realizador, o trailer original e parte dos cortes que foram recuperados. **Catembe** foi o filme que marcou a sua vida como cineasta, mas também aquele que, muitos anos depois, viria a gerar muitas cumplicidades e amizades, como a que mantivemos, que cresceu precisamente a partir de uma investigação em torno do seu filme, como também cresceu a amizade com a investigadora Maria do Carmo Piçarra, que nos últimos anos teve um papel inestimável na divulgação desta e de outras obras de Faria de Almeida, e que nos dará o seu testemunho nesta sessão.

Mas Faria de Almeida é muito mais que o autor de **Catembe**. Nome fundamental do Cinema Novo Português, mesmo se não foi inscrito no movimento por esse seu filme maior, extremamente influenciado pelos Cinemas Novos europeus, mas também pelo *Free Cinema*, Faria de Almeida foi único no modo como filmou a cidade de Lourenço Marques, onde nasceu. Depois de uma intensa atividade nos Cineclubes ainda em Moçambique, estudaria cinema em Londres na London School of Film Technique, para onde partiu com uma bolsa, mas também em Paris. Paralelamente aos vários filmes que realizou, na sua maioria curtas-metragens, foi presidente do Instituto de Cinema e da Tobis Portuguesa, diretor de programas da RTP e do centro de formação da mesma. Em 2023 foi distinguido com uma Medalha de Mérito Cultural do governo português e **Catembe** estreava finalmente no cinema, na sequência do restauro e da produção de novas cópias digitais do filme, que a Cinemateca produziu no âmbito do projeto FILMar (sendo essa a cópia que hoje iremos ver). Numa dessas sessões, que apresentei então no Cinema Ideal, em Lisboa, apareceu, sem pré-aviso, a jovem protagonista de **Catembe**, que só mais de cinquenta anos passados viu o filme pela primeira vez.

Mas hoje começamos com **Momento Noturno**, **Streets of Early Sorrow** e **Viviana**, três curtas-metragens realizadas no contexto da passagem de Faria de Almeida pela London School of Film Technique, e da sua aproximação ao movimento do *Free Cinema*, como tão bem explicita **Streets of Early Sorrow**. Sem diálogos, trata-se de um esboço de ficção em que um jovem negro deambula pelas ruas Londres enquanto revive memórias traumáticas de um massacre. A proximidade de Faria de Almeida à África do Sul, por via da sua relação com Moçambique, é evidente no “assunto” que filma, estando-se em plena Guerra Colonial.

São também três filmes produzidos em pleno Cinema Novo, e a predileção de Faria de Almeida pela experimentação em torno das formas modernas do cinema iria enformar o resto da sua obra, mesmo os filmes de encomenda, que poderemos ver na sessão de amanhã. Mas são também ainda filmes produzidos em contexto de escola, em que se vê nitidamente como havia muita liberdade (e meios) para experimentar, que não corresponderia de todo ao modo controlado como tais filmes seriam recebidos em Portugal, um país sujeito aos constrangimentos de uma forte repressão e censura, que Faria de Almeida conheceria bem.

Momento Noturno antecipa **Streets of Early Sorrow** e com ele partilha algumas imagens, mas a montagem leva-nos para outras direcções. O ritmo veloz é introduzido num genérico que envolve sobreimpressões de animação abstracta desenhada sobre a película, que acompanha a música “Quite a Beat”. **Momento Noturno** assenta numa montagem de imagens fixas, reequadradas e ampliadas, fotografias de músicos negros a tocar, recolhidas na revista *Drum Magazine*, e imagens em movimento de corpos a dançar e de neóns da noite portuguesa, que se misturam com luzes de divertimentos de feiras. Tudo isto montado ao som da música, regressando-se no final a um desenho directo sobre a película a negro, numa atitude manifestamente exploratória associada ao mais puro ritmo e a uma metamorfose incessante. Um achado em termos de um cinema mais experimental na verdadeira acepção do termo, em que Faria de Almeida se envolve no puro prazer de explorar o cinema enquanto arte musical.

Streets of Early Sorrow prolonga estas experiências numa outra direcção. É mais explícito no modo como reflecte as tendências estéticas do cinema britânico do momento, ao enveredar mais claramente pela ficção e por uma câmara móvel que acompanha de perto o protagonista. As influências do *Free Cinema* voltam a fazer-se sentir pelo modo como explicita uma vertente mais social e politizada, articulando-a com uma modernidade ao nível das formas. A música, neste caso o jazz (o jazz estará muito presente nas posteriores produções industriais de Faria de Almeida), domina um filme sem diálogos em que assistimos às deambulações do protagonista pelas ruas de Londres, e a um plano paralelo, que corresponderá aos seus pensamentos. Os encontros do presente com uma mulher num parque confundem-se com memórias de um outro espaço e tempo. E a montagem de fotografias de músicos negros, retiradas da revista *Drum Magazine* (já presentes em **Momento Noturno**), imiscui-se por entre estas vistas londrinas ao som de uma música que reencontraremos em **Catembe**, revelando-se como esta fase do cinema de Faria de Almeida é circular. Alude-se à possível origem sul-africana do protagonista (vemos imagens dos massacres de Sharpeville, em 1960) ao mesmo tempo que se evoca a sua relação com as lutas da libertação em África. O som das armas acentua a violência de várias destas imagens, sem tudo explicitar num cinema autoral de cariz manifestamente politizado. As evidentes qualidades de **Streets of Early Sorrow** valeram-lhe o primeiro prémio no Festival Cinestud de Amesterdão, tendo posteriormente sido distribuído pelo Reino Unido através do circuito dos cineclubes como complemento *A Dama de Xangai*, de Orson Welles, como referia Faria de Almeida com orgulho.

Viviana, que exibimos pela primeira vez na Cinemateca, aborda a condição de uma jovem mulher que sonha com o mundo, encerrada na pequenez da realidade nacional e no interior das quatro paredes do seu quarto. Trata-se de mais um filme que a censura não deixaria passar incólume. Se o protagonista de **Streets of Early Sorrow** deambula pelas ruas de Londres, Viviana vive fechada na casa portuguesa, mas o mundo corre lá fora, chegando-lhe os ecos do exterior. Os noticiários e os jornais trazem a miséria do mundo e os ecos das guerras distantes. Ouvimos falar do Vietname, das guerras africanas, da propaganda. Em *off* Viviana alude ao contraste entre a sua realidade e das raparigas que circulam lá fora. Liga a televisão e, numa abstracção, vemos imagens fotográficas da pobreza mundial (mais uma vez o recurso à fotografia, como nos outros dois filmes do mesmo ano). Faria de Almeida sobrepõe aqui várias camadas de som, formando um palimpsesto de realidades. O “buraco vazio de bafiento” a que se refere é Portugal, e o som é o da vizinhança e da sua desesperança, numa simultânea evocação de fugas possíveis. Ao vê-la a correr pelas ruas desertas regressamos à percussão e ao som do jazz, num evidente desejo de ruptura e de modernidade.

Joana Ascensão